

Ex-Chanceler defende negociação política desde 83

BRASÍLIA — O ar calmo, a voz rouca e a postura — que lhe valeram o apelido de “Soneca” — e ainda a longa experiência em negociações podem levar a uma conclusão equivocada sobre o perfil do ex-Chanceler Saraiva Guerreiro. Nada disso o impediu de alimentar uma profunda divergência com o ex-Ministro do Planejamento, Delfim Netto, saindo vitorioso.

Sua tese, na época, era a de que a dívida externa deveria ter um tratamento político, pois não se resolveria unicamente com políticas de contenção. “Nossos povos não podem ser privados da esperança do desenvolvimento”, afirmou, em 1983, na primeira reunião do Grupo de Cartagena, que ajudou a criar.

Saraiva Guerreiro não admitia, como bom diplomata, a divergência

com a área econômica do Governo Figueiredo. Dizia que não havia incompatibilidade entre uma visão da negociação da dívida dentro das regras comerciais e outra, que procurava mudar até o próprio sistema, buscando a peculiaridade dos países em desenvolvimento. Sua tese sempre foi sustentada por um corpo de assessores jovens, apelidados pelo Embaixador dos Estados Unidos no Brasil à época, Anthony Motley, de “barbudinhos”. Apesar de não ser um especialista em finanças (foi professor do Instituto Rio Branco de Direito Internacional e sua principal especialidade é o Direito do Mar), é considerado no Itamaraty, “uma cabeça privilegiada, sempre preparado para discutir qualquer tema”.

Depois de receber o convite do Presidente Sarney, disse que, apesar

da idade, sentia-se em condições de dar uma contribuição ao País nas negociações da dívida externa, e manifestou contentamento pela lembrança do seu nome.

A escolha de Saraiva Guerreiro foi recebida com agrado no Itamaraty, onde é muito respeitado. Diplomatas, ontem, lembravam traços de sua personalidade, como a presença de espírito e a “memória prodigiosa”. Da biografia de Saraiva Guerreiro, apenas um ponto não é lembrado com satisfação, até pelo próprio: no início de sua carreira, na Bahia (ele nasceu em Salvador), foi escrivão de polícia. De lá para cá, com algumas restrições feitas à sua gestão no Itamaraty (criação de embaixadas, caronas em promoções), construiu uma imagem de respeitabilidade, profissionalismo e conciliação.